**OS VÍCIOS DA EDUCAÇÃO: OS PRINCIPAIS OBSTÁCULOS PARA O ENSINO**

Alessandra Carra1, Romilda Pelisser Teston2

1Universidade do Oeste de Santa Catarina

2Universidade de Passo Fundo

**RESUMO:** Os vícios podem se apresentar das mais variadas formas e em diversas circunstâncias, até mesmo a educação em muitas vezes apresenta-se na forma de um ensino viciado, encontra-se frequentemente no círculo vicioso da fragmentação, da dependência crônica no livro didático, nas fórmulas prontas. E é nesta busca incessante por alternativas que supram as deficiências do ensino, que surge o questionamento: Qual seria a possibilidade mais eficiente para romper com esse círculo? Para ao menos almejar responder à esta pergunta é primordial adentrar no círculo vicioso da educação, é essencial reconhecer os fracassos cometidos e transformá-los em pontos de partida na construção de possibilidades para o ensino. Mas afinal como se desenha o cenário da educação hoje na visão dos próprios estudantes?

**Palavras Chaves:** metodologia de ensino; aprendizagem; pedagogia crítica.

# 1 INTRODUÇÃO

Quando proferimos ou ouvimos a palavra “vício” muitas coisas nos vêm à mente, talvez drogas, álcool, ou algo mais excêntrico como roupas, sapatos ou até mesmo chocolate. E como não falar em vícios em sala de aula? Quando questionados, os professores dirão que isso é essencial, pois “no mundo de hoje” não há como não mencionar a sensibilização quanto aos vícios. Mas será que a educação vivenciada por estes docentes também não é uma educação viciada?

Há de se parar para pensar que em sala de aula, na própria educação existem inúmeros vícios: Pelo livro didático, pelas fórmulas prontas, pelo ensino tradicional, fragmentado, e até mesmo o vício da repetição, da memorização.

O cenário que se desenha para a educação hoje é o legitimo círculo vicioso, não avançamos no que diz respeito a qualidade do ensino, cada vez mais essa “tal de educação” - que para muitos dos estudantes é uma palavra qualquer de um dicionário cheio de teias numa estante ou até mesmo ‘o fim dos intermináveis anos na escola, um martírio que finalmente chega ao fim na formatura do terceiro ano do ensino médio - torna-se um vai-e-vêm interminável sem avanços, gira, mas estagnado.

# 2 AS DEPENDÊNDÊNCIAS CRÔNICAS DE DOCENTES: QUAL OS MAIS PREJUDICIAIS VÍCIOS PARA A EDUCAÇÃO

Peça para um estudante descrever uma aula, logo ele vai dizer do conteúdo passado pelo professor na lousa, dos infindáveis exercícios “complete a frase” ou “conceitue e dê exemplos” e claro do uso indiscriminado do livro didático, que segundo Mortimer (1988, p. 2), são verdadeiras aulas expositivas impressas.

 A dependência dos professores por livros didáticos, são um dos principais vícios da educação. Desenvolvido para ser um auxiliar nas aulas, um instrumento capaz de facilitar e trazer benefícios para educandos e educadores, os livros didáticos tornaram-se peça central em sala de aula. Com exercícios mecânicos, procedimentos descritos, respostas e fórmulas prontas, um roteiro que não pode ser alterado, o manual deve ser seguido à risca, afinal de contas, é uma aula pronta, só precisa ser feita tal qual como está expressa.

 Em uma entrevista realizada com professores de uma cidade no interior do município de Ibiaçá, quando foram questionados sobre como norteavam as aulas e como o conteúdo era ministrado ao longo do ano, 8 entre 10 respostas foram , “não temos quase tempo de vencer o conteúdo, nunca chegamos quase nem na metade do livro”.

 A grande finalidade do livro didático inverteu-se e trouxe somente perdas para a educação, o professor perdeu sua identidade e sua capacidade de criar e instigar, perdeu o “pique” do começo da docência assim que assumiu várias turmas e não teve mais tempo para preparar aulas que realmente propiciassem ao estudante, o desenvolvimento de suas habilidades. Preparar aula ao longo dos anos, tornou-se algo automático, onde somente as figuras dos livros mudavam. E neste cenário o estudante também se perdeu, ficou à margem da fragmentação, à mercê dos textos prontos, resolver as dezenas de “exercícios” restringia-se somente em virar a folha e procurar que estava ali o fragmento, tal qual como estava descrito na pergunta.

 E é justamente nesse processo de copiar e colar manual, que a criatividade, a imaginação e a própria sensibilidade, que são a chave-mestra para o desencadear da criação, da investigação, da produção,são suprimidos, a curiosidade ofuscada pelos ditames da própria eficiência econômica, onde as grandes editoras fazem cópias uns dos outros, visando somente a lucratividade gerada com a venda dos exemplares. Citando Freitag et al (1978, p. 16.) “o livro didático não atua como auxiliar no processo de transmissão do conhecimento, mas como modelo padrão, autoridade absoluta, critério último de verdade: parece modelar os professores”.

 Não se pode falar sobre os vícios da educação sem também mencionar o ensino fragmentado e os conteúdos descontextualizados, com pouca ou nenhuma relação com o cotidiano do estudante. Fórmulas prontas, teoria desarticulada da prática, estes fatores trouxeram um grande retrocesso para a educação. Segundo Pereira (2000, p. 3):

Formar indivíduos que se realizem como pessoas, cidadãos e profissionais exige da escola muito mais do que a simples transmissão e acúmulo de informações. Exige experiências concretas e diversificadas, transpostas da vida cotidiana para as situações de aprendizagem. Educar para a vida requer a incorporação de vivências e a incorporação do aprendido em novas vivências.

 Em se tratando da desarticulação entre teoria e prática no ensino, D’Ambrosio afirma:

O valor da teoria se revela no momento em que ela é transformada em prática. No caso da educação, as teorias se justificam na medida em que seu efeito se faça sentir na condução do dia-a-dia na sala de aula. De outra maneira, a teoria não passará de tal, pois não poderá ser legitimada na prática educativa (1986, p. 43).

 A fragmentação do ensino também a muito vem sendo mencionada como um obstáculo para a educação. O conteúdo disposto em gavetas é uma forma viciada da educação, que atua como um entrave para a construção de conhecimento O diálogo das disciplinas entre si, mais do que romper com o vício de um ensino “esquartejado”, significam uma forma de juntar as partes do corpo ao invés de separá-las.

 A integração de conceitos e informações, intercalação de interfaces entre teoria e prática sob o olhar da interdisciplinaridade, a geração de novos enfoques, promovendo a fusão do todo permitindo uma nova maneira de contemplar, entender e reestruturar o mundo e o ensino.

Na minha opinião, não temos que destruir disciplinas, mas sim integrá-las, reuni-las em uma ciência como, por exemplo, as ciências da terra (a sismologia, a vulcanologia, a meteorologia), todas elas articuladas em uma concepção sistêmica da terra.

Penso que tudo deva estar integrado para permitir uma mudança de pensamento; para que se transforme a concepção fragmentada e dividida do mundo, que impede a visão total da realidade. Essa visão fragmentada faz com que os problemas permaneçam invisíveis para muitos, principalmente para muitos governantes.

E hoje que o planeta já está, ao mesmo tempo, unido e fragmentado, começa a se desenvolver uma ética do gênero humano, para que possamos superar esse estado de caos e começar, talvez, a civilizar a terra. (MORIN, 2005, p. 12.)

 Ao adentramos no vício da fragmentação, é possível esbarrarmos no vício da desarticulação entre teoria e prática, e diga-se de passagem, que este vício é um tanto quanto comum no cotidiano escolar. O que ainda não percebeu-se é que a teoria e a prática não estão em um rinque, em uma luta de forças, mais do que nunca, devem fazer as pazes andar de mãos dadas e assim, promover um ensino significativo, que destrua as barreiras imponentes que separa estas duas condições essenciais para a qualidade do ensino.

 Assim como consideram, Farinon e Lago, há uma tentativa constante da pedagogia atual de insistir nesta fragmentação, como se teoria e prática fizessem parte cada qual de dimensões diferentes, senão opostas.

A Pedagogia atual contenta-se, em larga escala, com a observação, o registro e a avaliação da práxis educativa, centrando assim seu interesse na empiria e no ideal da objetividade científica. Ela remete, com isso, a um conceito ingênuo de ‘práxis’, que nega seu vínculo com a teoria. Se for verdade que - adaptando um veredito de I. Kant - “sem a teoria a práxis é cega, e sem a práxis a teoria é vazia”, então, para não desembocar em mera especulação, a teoria precisa alimentar-se da experiência empírica.E a práxis, por sua vez, tem de recorrer à ajuda do conhecimento e de diretrizes teóricas. Logo, só na medida em que estiver consciente de ser orientada por convicções teóricas pelo menos implícitas, a práxis não desembocará numa atuação aleatória, ao passo que a teoria só terá substrato real se expressar necessidades concretas. Ambos os lados impulsionam-se e corrigem-se mutuamente. (2015, p. 2)

 E finalmente desembocamos no núcleo, no vórtice deste círculo de vícios onde encontram-se as peças mais prejudicadas por esta dependência, os estudantes. Será que a educação, e aula como momento de aprendizagem, ainda é vista por eles no topo das suas prioridades? Qual a importância do ensino e qual suas expectativas em relação ao mesmo? Qual o sinônimo de aula para você? Qual o seu significado para educação? O que um estudante responderia? Em pesquisa feita com 15 estudantes do ensino médio, de uma escola pública, localizada na cidade de Ibiaçá, região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, com idades entre 16 e 17 anos, abre-se o leque de possibilidades para diagnosticar as críticas e sugestões para romper com o círculo vicioso da educação.

# 3 ROMPENDO COM O CÍRCULO VICIOSO: QUAL A ALTERNATIVA MAIS EFICIENTE?

 As peças centrais deste círculo de vícios da educação, os próprios estudantes, podem ser os colocados na posição de agentes críticos, de transformadores desta realidade. Através dos questionamentos feitos é possível observar as deficiências do ensino. O diagrama abaixo foi construído através das respostas para o questionamento: “Aula definida em uma palavra”

**Gráfico 1:** Respostas dos estudantes quando questionados sobre qual a sua definição de aula.

 Uma só resposta, entre quinze, definiu aula como chata, e talvez uma das respostas mais surpreendentes foi o conceito “evolução” entre os demais. A definição de aula no sentido de evoluir, faz pensar à qual rumo a educação está se dirigindo e qual importância que, tanto docentes, discentes, direção, Estado, União, e toda a sociedade abrangendo todos os seus segmentos, dão para este momento de troca de experiências, de compartilhamentos, de construção. Quando a educação entra nesse círculo de vícios, do ensino fragmentado, de aula quase que exclusivamente guiada pelo livro didático, toda esta ânsia de conhecimento, de evolução, é suprimida. Por mais que os estudantes vejam a educação, e a aula propriamente dita, desta forma, todos estes conceitos perdem-se na medida em que a aula adentra no círculo vicioso do automatismo, das fórmulas prontas, dos conteúdos descontextualizados, de uma lousa cheia de palavras sem nenhum sentido.

 Em um dos questionários, mesmo bastando uma só palavra para a resposta, o educando (a), considerou: “Uma aula em que o aluno consiga associar o conteúdo ao dia-a-dia”. Este apelo não está mais só expresso nas cartilhas que visam melhorias no ensino, nos planos, parâmetros, leis e diretrizes, isso tornou-se uma urgência em sala de aula, não basta mais pilhas de livros com imagens ilustrativas e o “complete os pontinhos”, a tecnologia dissolveu fronteiras, tanto culturais, quanto sociais, o estudante está imerso neste universo de culturas, imagens, formas, cores e opiniões, a diversidade está em cena e o vício, algo que limita, restringe, está fora dos ditames desta nova forma de relacionar-se com o mundo e com os outros. E a aula mecânica, técnica, já não se enquadra nesta nova realidade.

 Como você gostaria que fossem as aulas? O estudante 1 descreve como seria uma aula “ideal” para ele: “Gostaria que as aulas fossem mais interativas, dividindo o tempo em dois, sendo que uma parte realiza-se a parte teórica do conteúdo e no outro fazer alguma prática ou dinâmica que englobe o que foi estudado na parte teórica.” O estudante 2 considerou o que poderia ter em uma aula “Mais dinâmicas, aulas mais práticas, não só copiar”

O estudante 3, também descreveu sua aula ideal: “Ao decorrer do conteúdo, novos obstáculos e desafios devem ser propostos para aguçar os estudantes, assim como trabalhos mais interessantes e divertidos, pesquisa.”

Em análise feita nos 15 questionários em nenhum momento a teoria é deixada de lado, levanta-se a possibilidade de unir as duas, como forma de complementação, “Não só conteúdo, mas também práticas.”

Mais do que obter resultados concretos ou até mesmo criar alternativas para ‘solucionar pretensamente todos os males da educação’, é necessário adentrar no círculo vicioso desta e reconhecer não somente o lado benéfico presente nas pesquisas, metodologias que deram certo, é basear-se nos fracassos, pensar naquilo que já a muito é pensado, desenvolvido através de belas e concisas teorias e que na prática não se enquadram, basear-se nestes questionamentos que foram feitos com estudantes é reconhecer que a educação está na realidade de sala de aula, e mais do que isso, pensar nesta além da lousa, das carteiras, dos livros didáticos, é pensar no fazer educação, no ato de ensinar propriamente dito, destruir as paredes que separam a teoria da prática, pensar para além do comum, do tradicional, dos automatismos. Conforme afirma Roitman:

[...] o ambiente escolar deve ser repensado. As salas de aula deverão ser reduzidas ou extintas. No lugar delas deverão ser disponibilizados espaços lúdicos equipados com todas as facilidades para que o estudante por si só tenha acesso ao conhecimento. (2005, p. 2).

 O que é certo, ou o que é errado fazer para a educação? Sabe-se que já perpassamos o paradigma da verdade absoluta, disseminada ao longo de toda a Idade Média, caiu por terra o projeto moderno, de fazer da racionalidade o fim último, de garantir à tecnologia e a ciência o grau de salvadora da humanidade, o que nos resta agora é denunciar qualquer tentativa de absolutilizar, de universalizar, de homogeneizar, o todo da educação, de querer encontrar saídas únicas, de querer através das pesquisas, encontrar soluções ‘verdadeiras’ para os fins do ensino, da educação. Talvez a saída é colocar ‘nos resultados e respostas certas da educação’ mais interrogações do que pontos finais, assim como considera Flickinger: “ Denunciar as supostas verdades mediante a argumentação que tenta legitimá-las é a manha de que o espírito crítico se vale.” (2014, p. 35).

 A partir destas considerações, talvez uma das alternativas - de, mesmo que pretensamente, achar saídas, não unívocas e muito menos ‘verdadeiras’, de resgatar o conceito de evolução mencionado acima em uma das respostas dos estudantes, educação como alusão à educação - seja reconhecer o ensino como construtor e renovador, da criticidade, da curiosidade, do entusiasmo que deve estar presente no ato próprio do educar.

 Ainda como considera Flickinger: “Juntamente com a denunciada escassez de oportunidades de autorreflexão, a pedagogia perdeu também de vista algo que chamo de “espaço necessário de irritação“. (, p. 164), e é este espaço que está tomado pelos vícios da educação, que não permite ao estudante sair para fora da cápsula, a zona de conforto da pedagogia tradicional, cheia de dependências, tanto epistemológicas quanto metodológicas, criando uma redoma de vidro, onde todas as nuances do ensino se mantém presas. Irritar significa estilhaçar este calabouço, e respirar o puro ar da criticidade, de gerar independência cognitiva, autonomia crítica, possibilitando a construção de estudantes/agentes transformadores, que denunciam ao invés de conformar-se, e é nessa esfera de mudanças significativas, onde educadores e educandos, acertos e fracassos divergem e ao mesmo tempo se complementam que se encaixa perfeitamente significado o conceito de evolução, onde evoluir possui o significado de libertar-se das amarras, de poder fazer o caminho inverso, de descobrir, de arriscar-se para fora dos “castelos de marfim das ciências”, evoluir é criar, construir e reconstruir-se.

# 4 CONCLUSÕES

O vício, podendo ser considerado como um mau hábito, para ser rompido, precisa de muita força de vontade, de romper com o costume de querer fazer sempre da mesma forma, medo de ousar, medo de sair de um círculo infindável, gira-se, gira-se, e não se chega a nenhum lugar.

 É preciso dar a centelha da ignição, para que a combustão da educação aconteça, é preciso romper com o ensino viciado, iniciado na formação inicial, que insiste que a educação permaneça técnica, desarticulada com o cotidiano dos estudantes, moldada pelo livro didático, à mercê de uma educação corrompida e em constante retrocesso.

Para acabar de vez com os vícios, é necessário querer sair deste cenário e avançar no que diz respeito ao ensino, quebrar os laços que prendem a mesmice e o automatismo de sempre, na busca por um ensino inovador, que reascenda a curiosidade, e nas palavras do jovem concluinte do terceiro ano, que educação sempre seja sinônimo de evolução.

# 5 REFERÊNCIAS

D’ AMBROSIO, Ubiratan. Educação matemática: Da teoria à prática. Campinas: Papirus, 1996

FLICKINGER, H-G. Teoria crítica, educação e diversidade. Joaçaba: Editora Unoesc, 2014.

FLICKINGER, H-G. Herança e futuro do conceito de formação (Bildung). Educação & Sociedade: Campinas, v. 32, n.114, p 151-167, jan.-mar. 2011.

FREITAG, B.; MOTTA, V.; COSTA, W. O Estado da arte do livro didático no Brasil. Brasília: INEP, 1978

LAGO, Clenio; FARINON, Mauricio João. Articulações entre esclarecimento e educação. São Paulo: Mercado das Letras, 2015.

MORIN, Edgar. Introdução ao Pensamento Complexo. 2º ed. Paris: Instituto Piaget, 2000.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2005.

MORTIMER, Eduardo Fleury. A evolução dos livros didáticos de química destinados ao ensino secundário. Em aberto, Brasília, ano 7, n. 40. Out./dez. 1988.

PEREIRA, J.M.O.; LOPES, A.C. Orientações do BID para as propostas curriculares oficiais no ensino médio. In: ENDIPE, 11., 2002, Goiânia. Anais. Goiânia, 2002.